



Antônio Wilson Silva de Souza

Licenciado em Artes Plásticas (1987) - UCSAL, Especialista em Metodologia do Ensino do Desenho (1997) -UEFS, Mestre em Artes Visuais (2002)-EBA/UFBA. Desde 1997 é professor de História da Arte e de Desenho na Universidade Estadual de Feira de Santana.

awss33@hotmail.com

DESENHO: LINGUAGEM BARROCA NA BAHIA DO SÉCULO XVIII

"O desenho é um grafismo. Deriva disso o caráter talvez mais necessário dele: o ser um fato aberto como a poesia. Cada desenho é uma palavra, uma frase, uma confidência".
Mário de Andrade

O desenho é uma das formas de expressão mais constante em toda a história da humanidade, uma vez que auxilia um vasto conjunto de manifestações artísticas e se configura como um meio de comunicação. ... "É uma das formas de expressão humana que melhor permite a representação das coisas concretas e abstratas que compõem o mundo natural ou artificial em que vivemos." (GOMES, 1996, p. 13). Desde a fase primeva da sua evolução, o ser humano vem utilizando-se do desenho como fator colaborativo da sua capacidade de expressão. Assumindo conotações variadas, a depender do contexto onde surge, o desenho diversifica-se através da pluralidade dos estilos, ora refletindo o andamento do processo histórico, ora preludiando mudanças e, não raro, apresentando-se como elemento indicativo e subsidiário dos estágios de transformação pessoal e conjunta, sempre, porém, subjuntivo das intenções humanas de desenvolvimento pleno. No entanto, ao lado do

reconhecimento atual da excelência do desenho, encontra-se paradoxalmente a constatação de que essa expressão vem sendo muito pouco estudada, por ter sido considerada secundária dentro das artes até muito recentemente. Em vista disso, há algum tempo, procurou-se desenvolver pesquisa sobre o desenho. Considerando uma sugestão da professora Maria Helena Occhi Flexor, Orientadora da pesquisa, iniciou-se no limiar do ano 2000, dentro do Mestrado em Artes Visuais do Programa de Pós-graduação da Escola de Belas Artes da UFBA, a pesquisa sobre a temática. Pesquisa que foi concluída satisfatoriamente e a dissertação, intitulada *O desenho na Bahia do século XVIII*, teve defesa realizada em julho de 2002.

O estudo sobre a temática do mestrado foi possível devido à inexistência de material bibliográfico a respeito. As obras de historiadores da arte na Bahia revelam estudos em torno do Barroco nas suas diversas modalidades como a arquitetura, a talha, a pintura, a escultura e a ourivesaria, porém elas deixam uma lacuna quanto ao estudo do desenho. Pode-se constatar tal afirmação recorrendo-se às obras de renomados autores na história da arte da Bahia, como Marieta Alves, Valentim



quantidade suficiente para fundamentar a pesquisa com sólido embasamento. O material obtido naquele arquivo foi vasto em relação ao encontrado nos arquivos de Salvador da Bahia, o que viabilizou um melhor desenvolvimento da pesquisa em torno do desenho, sobretudo porque toda a documentação pesquisada se referia especificamente à Bahia.

Os desenhos levantados, nos citados arquivos, fazem parte dos seguintes tipos de documentos manuscritos: compromissos de irmandades religiosas, que contém um material extenso de desenho e pintura, mapas de carga e descarga, importação e exportação de mercadorias, cartografia, escrituras e processos, que trazem assinaturas rasas e públicas, tratados de arquitetura, manuais de artilharia, figurinos militares, cadernos de desenho da aula militar, etc. Outro material importante que subsidiou o estudo em questão, com numerosos desenhos, foi a *Nova Escola para aprender a ler, escrever e contar*¹, da autoria de Manoel de Andrade de Figueiredo, publicado no ano de 1722 que, além de servir como cartilha, informa como se usar a pena, o papel, de maneira que ensina também a desenhar, sobretudo, ornamentar documentos, como se pode ver na figura 1.

Os desenhos encontrados nos documentos citados são, na maioria, de caráter decorativo, mais ornamentais, aparecendo como moldura, sobretudo naqueles dos compromissos de irmandades. Além de emoldurar os documentos eles aparecem também como elementos ornamentais das capitais iniciais de textos e decoram a folha de papel, na parte inferior, em geral encerrando textos, capítulos. Representam figuras de anjos, querubins, elementos zoo e fitomorfos, coroas, cavaleiros, arabescos simples ou entrelaçados.


A maioria dos desenhos tem um traçado característico feito em curvas entrelaçadas num traço contínuo, sem interrupção para cada elemento realizado. As formas típicas do barroco sobressaem e se repetem de maneira às vezes automática.

Há uma padronização que se percebe como uma constante em várias expressões. As assinaturas rasas, por exemplo apresentam um traçado que se repete em muitas delas. As assinaturas públicas também têm uma forma específica de cruz da qual a haste vertical é bem elevada e em cada extremo da haste horizontal, o nome ou as iniciais do nome do tabelião que a tem como marca pessoal e profissional, registrada em tabelionato para uso nos documentos públicos. No cruzamento das hastes cada tabelião tem um desenho peculiar.

Os desenhos encontrados nas coleções cartográficas são também de cunho decorativo e complementar. Eles se apresentam como moldura para os dados informativos dos mapas. São desenhos que mostram detalhes de formas que caracterizam esses estilos, como composição de folhas de acanto, e não têm finalidade senão ornamental.

O desenho como idéia aparece na representação de figurinos, desenhos coloridos realizados para se mostrar como deveria ser a indumentária dos militares, têm uma significação especial, não somente por causa das cores, mas também devido ao desenho da figura humana. Pode-se constatar o que se diz, observando a figura 2. O semblante dos militares é mais de um anjo tipicamente barroco do que de um militar.

Outros exemplos de desenho como idéia foram levantados ao mesmo tempo em que se buscou exemplares que evidenciassem o desenho como expressão autônoma, o que



Compromisso
da Irmandade de Nossa
Senhora da Ajuda, Erecta
em sua propria Cappella, filial
a Matriz de Nossa Sn^a da Penna
na Villa de Porto Seguro. ~

Feito aos 20. de Agosto
do anno de 1778. ~



não foi possível constatar. Outra busca esteve enfocada na relação do desenho, ou risco², com a arquitetura decorativa, pintura, talha, imaginária, trabalhos em couro, os baixo-relevos das lápides tumulares, etc, visto que todas as manifestações artísticas estavam intimamente ligadas pelas formas, pela iconografia e pelo próprio desenho.

Não se deixou, evidentemente, de definir o significado do desenho, ou significados que historicamente ele foi assumindo a partir dos ideogramas, ou representações ideográficas, e como foi influenciado pelas culturas, sobretudo das religiosas, especialmente católicas.

Tendo em mãos este material, foi possível realizar uma análise descritiva e iconográfica que, de muito, contribuíram para o entendimento do desenho e de outras manifestações artísticas da Bahia. Apesar de reconhecer a eficácia do método de Panofsky que parte da análise dos símbolos para

descortinar e interpretar o conteúdo temático, o significado intrínseco e o conteúdo convencional da obra de arte, deu-se preferência ao método de Ravi Poovaiah³, visto que possibilitaria um conhecimento aprofundado e alargado das expressões gráficas, sobretudo porque o referido método se estrutura sobre dois pilares: na natureza sintática do desenho, em termos de elementos, características e princípios visuais, e na dimensão semântica e pragmática do desenho, destacando o conteúdo, o contexto e o código da representação visual. Por essa razão, foi o que melhor se coadunou com o intento de analisar os desenhos do século XVIII.

A análise realizada fundamentou uma reflexão sobre o desenho que possibilitou melhor compreensão das expressões gráficas da Bahia setecentista, de maneira que se destacou com mais nitidez as suas características. Assim, pôde-se constatar que a maioria dos desenhos realizados na Bahia do século XVIII revelam características do estilo barroco. É forçoso salientar que, na segunda metade da mesma centúria, houve manifestações do estilo rococó, que também se fez evidente nos desenhos⁴. A mentalidade barroca reinante na época orientava de tal forma a maneira de viver das pessoas que as suas expressões, artísticas ou não, revestiam-se de um caráter eminentemente barroco, como provam as assinaturas rasas⁵ do período abordado.



FIGUEIREDO, Manuel Andrade de. Nova escola para aprender a ler, escrever e contar. 1722. p. 23.

“Uma análise sócio-cultural das expressões barrocas na Bahia setecentista mostraria que o barroco foi, mais que um estilo artístico, uma mentalidade filosófica, estética e religiosa da sociedade da época, foi propriamente um estilo de vida, pois pensava-se, vestia-se, falava-se, em

realidade, agia-se barrocamente”.
(Souza, 2002, p. 52)

Essa mentalidade, ou melhor, esse] “modus vivendi” barroco propiciou inúmeras manifestações da arte, como a talha, a pintura, a arquitetura, a música, a escultura, fomentadas pelo espírito religioso, patrocinada pelas Ordens Terceiras e, em alguns casos pelo governo⁶. Contudo não se deixou de dar mostras da expressão eminentemente gráfica, como provam os inúmeros exemplares dos desenhos pesquisados e analisados, na sua grande maioria, como já foi dito, de caráter ornamental.

Todo desenho representa em si mesmo uma forma de comunicação, por isso constituiu uma linguagem⁷. O desenho é, pois, um meio de manifestação de pensamentos, materialização de idéias, reflexão de mentalidades e expressão de sentimentos. Como toda linguagem possui um vocabulário específico, ou melhor, um conjunto de símbolos⁸ que viabilizam a comunicação, assim também o desenho constrói-se com base em elementos que lhe são intrínsecos e estruturais, tais como o ponto, a linha, a cor, a textura, dentre outros. E, no caso específico dos desenhos pesquisados da Bahia setecentista, nota-se que foram baseados também em símbolos próprios do estilo barroco. Em razão dessa constatação o presente texto arrola alguns considerações no sentido de reconhecer o desenho enquanto linguagem barroca na Bahia do século XVIII.

O barroco esteve estreitamente vinculado ao espírito religioso da sociedade da Bahia setecentista, por isso o repertório de símbolos por ele utilizado mostra uma grande quantidade de elementos característicos da manifestação da fé cristã, como exemplo pode-se fazer



Figurinos Militares do Estado da Bahia, 1771.

referência aos anjos. E tendo em mente que o citado estilo não renegou as formas clássicas, mas transformou-as de modo fantasista e subjetivo, pode-se reconhecer nos desenhos analisados traços típicos da linguagem clássica acrescidos de características formais propriamente barrocas, como por exemplo, a intensa movimentação, obtida pelo predomínio de linhas diagonais, os fortes contrastes como, por exemplo, o claro e o escuro, as curvas, a sinuosidade, as ondulações, os entrelaçados e o excesso de ornamentação. O desenho que ornamenta a capa de um compromisso de Irmandade do século XVIII, figura 4, documento eclesiástico da Bahia, ilustra o que se diz. Como a linguagem da arte se manifesta de forma multivariada e plurissignificativa, os desenhos setecentistas apresentam ariados simbolismos que respondem aos anseios e sentimentos do homem da época, sobretudo porque a arte barroca tornou-se, no Brasil, um instrumento de manifestação do sentimento religioso, ficando



praticamente impossível separá-la do contexto da fé cristã.

Sem pleitear dimensionar vantagens entre as manifestações artísticas, o Barroco não poderia estar melhor representado do que pelo desenho que, com mais clareza que outras expressões da arte, materializou a mentalidade do homem setecentista. A análise dos desenhos fez compreender que as formas e símbolos, por eles representados, integram uma concepção de mundo especialmente religiosa, transmitida por uma linguagem cujo código identifica o estilo barroco e revela influência da cultura de Portugal.

Pelo exposto, uma constatação emerge para reafirmar e reforçar, ainda mais, a concepção inicial deste texto: o desenho compõe o universo de expressões do homem da Bahia setecentista, como uma linguagem que reflete a vida da sociedade da época. Essa constatação, porém, não impediu de reconhecer que o desenho setecentista não possuía caráter autônomo.

Concluindo, o desenho foi uma manifestação constante e largamente utilizada em todo o século XVIII e constitui uma linguagem que perpassou todo um período que teve o Barroco como expressão do pensamento e da cultura material da sociedade setecentista da Bahia.

NOTAS

* Antônio Wilson Silva de Souza graduou-se, em 1987, em Educação Artística com Habilitação em Artes Plásticas pela Universidade Católica do Salvador. Fez especialização em Metodologia do Ensino do Desenho, na Universidade Estadual de Feira de Santana, em 1997, quando tornou-se Professor Auxiliar de História da Arte da mesma Instituição. Desde então vem

desenvolvendo pesquisa sobre a história do desenho na Bahia, o que o impulsionou à realização de mais uma pós-graduação, tornando-se Mestre em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia, em 2002. Atualmente, Professor Assistente de História da Arte da Universidade Estadual de Feira de Santana, onde também ministra aulas de desenho e exerce o cargo de vice-coordenador do Núcleo de Desenho e Artes.

¹ Essa obra impressa, que contém desenhos feitos à mão pelo próprio autor, passou pela aprovação de todas as instâncias necessárias, em Portugal, inclusive pelo crivo da Mesa de Consciência e Ordens e só assim foi publicada. Urge ressaltar que o autor nasceu no Brasil, filho do Governador e Capitão General do Espírito Santo. Esse material foi fornecido por Maria Helena Occhi Flexor, que obteve cópia microfilmada no Instituto de Estudos Brasileiros da USP.

² Termo comumente utilizado em Portugal e no Brasil, durante o século XVIII, para designar os desenhos. Era um sinônimo da palavra "desenho".

³ Ravi Poovaiah nasceu na Índia, em 1954 e formou-se em engenharia mecânica pelo Instituto Indiano de Madras, em 1975. Em 1977, pós-graduou-se na área de projeto de produto no Instituto de Tecnologia de Bombai, Índia. De 1982 à 86, foi professor do curso de Desenho industrial de Bombai. Fez o mestrado na área de Comunicação Visual pela Escola de Desenho da Ilha do Rhode, em Providence, EUA. Tornou-se Professor Adjunto no Instituto de Desenho Industrial de Bombai. Suas linhas de pesquisa, desde 1986, são: estudo dos princípios da representação gráfica bidimensional, estudo da linguagem visual, desenvolvimento de padrões para sinalização urbana, desenvolvimento de sinalização de hospitais e

desenvolvimento de fontes tipográficas para computador. Hoje ele é Phd.

⁴ Deu-se preferência, neste artigo, ao estudo do desenho barroco, reservando para um próximo texto uma mais aprofundada e detalhada explanação sobre o desenho rococó, merecedor por seu turno, de estudo sistemático, posto que também integra o arsenal de manifestações artísticas da Bahia do século XVIII.

⁵ Chama-se de assinatura rasa a assinatura pessoal de um indivíduo.

⁶ No século XVIII as Ordens Terceiras (de leigos) eram mais fortes que as Primeiras (de sacerdotes), visto que àquelas se agremiavam, em geral, pessoas abastadas da sociedade da época. Com a contribuição financeira dos Irmãos Terceiros e também com a verba do governo para a construção do altar-mor das igrejas, foi desenvolvida a maioria das obras da arte religiosa da Bahia setecentista.

⁷ Por linguagem, neste artigo, deve ser compreendido todo e qualquer sistema de signos que serve de meio de comunicação individual, e entre indivíduos, e que pode ser percebido pelos órgãos dos sentidos.

⁸ O símbolo é um tipo de signo cuja relação com o objeto que ele representa é arbitrária. Assim, os símbolos são sempre convencionais e se mantêm, na sociedade, por hábito ou tradição. Embora seja vasto o mundo dos símbolos, podem ser citados alguns exemplos: as palavras, as cores, as formas e os desenhos. Estes últimos interessa de maneira particular ao presente artigo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Manuscritos

Compromisso da Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Aflitos e Boa Sentença, Bahia, 1778. p.5. Fonte: Códice 1671 do Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa.

Capa do Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora da Ajuda da Vila de Porto Seguro, Bahia, 1778. Fonte: Códice 1668 do Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa. FIGURINOS MILITARES DA BAHIA. Arquivo Histórico Ultramarino, 1771, Códice 1510, s.n.p.

Impressos

FIGUEIREDO, Manoel de Andrade. *Nova escola para aprender a ler, escrever e contar*.

Lisboa: Lisboa Occidental, 1722. 155 páginas.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. *Pesquisa e metodologia em arte*. Salvador, 1999.

(Digitado)

GOMES, Luiz Vidal Negreiros. *Desenhando: uma panorama dos sistemas gráficos* Santa Maria: UFSM, 1998. 172 páginas.

Desenhismo. Santa Maria: UFSM, 1996. 119 páginas.

MUSEU DE ARTE MODERNA DO RIO DE JANEIRO. Coleção Gilberto Chateaubriand: *o desenho moderno no Brasil*. Rio de Janeiro: MAM, 1995.

OLIVEIRA, Eduardo Pires. *Riscar em Braga, no século XVIII*. In: Atas do IV colóquio luso-brasileiro de história da arte. Salvador: Museu de Arte Sacra; UFBA, 2000. p. 33-65.

POOVALAH, Ravi. Visual characteristics through major movements in the history of graphic design. In: Selected Papers. IIT Bombay: IDC Faculty on Design. Industrial Design Centre. IDC Publication, 1989. p. 69-78.

SOUZA, Antônio Wilson Silva. *O desenho na Bahia do século XVIII*. Salvador, 2002. Dissertação de mestrado. Texto digitado.